IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade
V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade
V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade

O FEMININO NÃO-TODO: CONTRIBUIÇÕES DE FREUD E LACAN

Eixo Temático 23 - MASCULINIDADES E FEMINILIDADES: TENSIONAMENTOS E POSSIBILIDADES NO ESPAÇO ESCOLAR E NÃO ESCOLAR / AXIS 23 - MASCULINITIES AND FEMININITIES: TENSIONS AND POSSIBILITIES IN SCHOOL AND NON-SCHOOL SETTINGS (ONLINE)

Beatriz Pinheiro de Paula [1]
Isabela Akemi Oliveira Yamazaki [2]
Rosilene Caramalac [3]

RESUMO

Esta revisão de literatura sobre o Feminino segundo Freud e Lacan, além de recorrer aos autores, foi uma varredura de artigos no Portal da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) com os descritores "Feminino" e "Freud", e "Feminino" e "Lacan". Foram selecionados 8 artigos relevantes para a discussão. O trabalho aborda as contribuições freudianas: Complexo de Édipo, angústia de castração, bissexualidade inata e destinos da feminilidade. Ainda, foram pontuados novos contornos formulados por Lacan, com ênfase na Metáfora Paterna, na Teoria da Tábua da Sexuação e nas modalidades de gozo. Assim, conclui-se que a natureza inesgotável do tema aponta para a necessidade contínua de pesquisa a fim de ampliar o entendimento, ou não-entendimento, sobre a feminilidade e para além dela.

Palavras-chave: Feminino, Feminilidade, Psicanálise, Freud, Lacan.

INTRODUÇÃO

Freud (1893-95/1987) inicia sua investigação sobre a constituição do feminino e a feminilidade a partir da escuta das mulheres histéricas na clínica, retirando-se da posição de

[1] Graduanda do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS, beatrizpinheiropaula@gmail.com;
[2] Graduanda do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS, isabela.yamazaki@ufms.br;
[3] Professora Doutora do Curso de Psicologia da Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS, rocaramalac@uol.com.br;

saber para que suas pacientes falassem. Por sua vez, Lacan (1972-73/2008), ao retomar conceitos freudianos, desloca o feminino do campo da anatomia e do gênero para situá-lo como uma posição subjetiva em relação ao gozo, ao desejo e à falta.

Como destaca Braunstein (2007), "a anatomia não é o destino, senão a partir da palavra que a recolhe e a significa". A partir disso, destaca-se que o feminino opera numa lógica não-toda fálica, escapando à universalização, o que contribui para sua condição enigmática e singular dentro do campo psicanalítico.

Justifica-se esta investigação porque ainda há controvérsias sobre como integrar os aportes freudianos e lacanianos às demandas contemporâneas de gênero, corpo e política. Assim, este artigo tem como objetivo realizar uma revisão de literatura sobre a constituição do feminino nas obras de Freud e Lacan. A partir dos resultados e discussões, conclui-se que o feminino, longe de constituir uma essência, permanece como um campo inesgotável de pesquisa e reflexão, tanto na clínica quanto na teoria psicanalítica.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa qualitativa do tipo Revisão de Literatura cujo objetivo é percorrer o feminino nas obras de Sigmund Freud e Jacques Lacan, bem como em produções contemporâneas que dialogam com esse campo. Também foi realizada uma busca sistematizada no Portal de Periódicos da CAPES, utilizando os descritores "Feminino" e "Freud", e "Feminino" e "Lacan", com o intuito de localizar artigos revisados por pares que atualizassem a discussão. O recorte incluiu apenas textos publicados de 2008 a 2023. O resultado foi a seleção de oito artigos científicos relevantes para o eixo temático do estudo. Complementarmente, foram utilizados dois vídeos teóricos disponíveis na plataforma *YouTube* que foram utilizados como recurso complementar de análise e atualização conceitual.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Complexo de Édipo e a angústia de castração

Freud, até o final de sua vida, indaga: O que quer uma mulher? [*Was will das Weib?*] (Gay, 2012). A partir de suas cartas, Freud (1974) faz referência ao mito grego de Édipo-Rei, no qual o personagem estaria destinado a casar-se com a sua mãe e matar o seu próprio pai.

Tal lenda serviu como referência para a construção inicial da teoria freudiana acerca do Complexo de Édipo: durante a fase fálica, a criança elegeria o genitor do sexo oposto como objeto de amor, ao passo que direcionaria hostilidade ao genitor do mesmo sexo.

Sob à luz dessa teoria, Freud (1924) discorre que no caso dos meninos, a dissolução do Complexo de Édipo ocorreria pela repressão sofrida pelo pai ao tentar acessar a mãe, enquanto objeto de amor, sendo este processo atravessado pela angústia de castração. Freud (1925/2011) retorna ao período pré-édipo – momento no qual as crianças estabelecem a figura da mãe como o seu primeiro objeto de amor – buscando compreender como ocorre essa troca objetal para as meninas, isto é, como se dá o processo de abandono afetivo pela mãe e o direcionamento dessa função para o pai.

Para Freud (1925/2011), o afastamento da figura materna está diretamente atrelado à ferida narcísica de não possuir um pênis. A menina desenvolveria inveja do pênis e, ao perceber que a mãe também é castrada, direcionaria sua hostilidade à mãe, culpando-a por essa desvantagem. Surge uma ambivalência de sentimentos destinados a essa mãe, uma vez que, apesar do ódio, há também identificação. Sendo assim, a dissolução do Complexo de Édipo da menina se dá quando aceita a ausência do falo. Freud (1925/2011, p. 212) aponta: "A menina aceita a castração como um fato consumado, ao passo que o menino teme a possibilidade de sua consumação".

Bissexualidade inata

No texto *Sexualidade feminina* de Freud (1931) destaca-se que a bissexualidade inata aos seres humanos é ainda mais clara nas mulheres se comparada aos homens. Na fase do Complexo de Édipo a criança está ligada afetivamente ao genitor do sexo oposto, enquanto na relação com o de mesmo sexo predomina a hostilidade. Para o menino, a mãe é seu primeiro e único objeto de amor. No caso da menina, o primeiro objeto também é a mãe, mas em algum momento ela se desprende dessa escolha objetal.

Ainda, tem-se a tarefa de abandonar a zona genital originalmente dominante: o clitóris; por uma nova: a vagina. A mudança de zona erógena, do clitóris para a vagina, representa o abandono à ligação primária com a mãe e toma-se o pai como objeto (Silva; Folberg, 2008). A constituição da sexualidade do homem ocorre em apenas uma fase, enquanto para a mulher, são necessárias duas. O menino passa por uma identificação sexual; um órgão sexual, o pênis;

e um objeto de amor, a mãe. Já a menina possui duplicações: duas zonas erógenas, o clitóris e a vagina; dois objetos amorosos, a mãe e o pai; e também duas identificações sexuais, a masculina e a feminina (Kuss, 2017).

Considerações sobre a Feminilidade

É diante do encontro com a diferença sexual anatômica que a menina teria que se haver com sua diferença. Freud deixa clara a importância do tempo pré-edípico que uma menina vive com sua mãe, tem para o seu tempo edípico posterior com seu pai, e também por toda a vida, visto que algo do Complexo de Édipo jamais será superado pela mulher. Ou seja, há algo da menina que permanece enroscado em sua mãe (Kuss, 2017). Portanto, de acordo com Freud, a forma como o Complexo de Castração se delineia nas mulheres é diferente da dos homens, sendo constituído por três caminhos:

> 1) a mulher admite sua castração e sua inferioridade, mas, ao mesmo tempo, revolta-se com esse fato. Isso pode acarretar uma inibição da sexualidade; insatisfação com o clitóris – por ser comparada ao menino; renúncia à atividade dele e, por esse caminho, à sua masculinidade (dado que o clitóris equivaleria ao órgão sexual masculino). 2) Ela se liga fortemente à ideia de que o pênis que lhe foi tirado irá voltar, trazendo para si uma masculinidade e podendo resultar numa escolha homossexual de objeto. E, por fim, 3) ela, finalmente, segue o curso "normal" de sua sexualidade e toma o pai como escolha objetal. Um caminho conflituoso, complexo e que pode gerar sérias consequências para o desenvolvimento sexual da mulher (Bastone, 2019, p. 285).

Freud (1933) busca esclarecimento na anatomia dos corpos, no par ativo-passivo, na bissexualidade, no desenvolvimento libidinal e no masoquismo. A partir disso, o autor levanta que a feminilidade não é algo exclusivo das mulheres, podendo ser encontrada também nos homens.

A Metáfora paterna

Por sua vez, Lacan (1995) propõe uma nova interpretação do Complexo de Édipo freudiano, localizando-o no campo da linguagem e dando um caráter estrutural. A tese central gira em torno da metáfora paterna, o pai simbólico, que substitui um outro significante: o materno (Dacorso; Santos, 2020). Ainda, há o estabelecimento de uma relação entre o "ser" e o "desejo", sendo o Complexo de Édipo "um momento estruturante que marca a passagem do reino da natureza (imaginário) para a cultura (simbólico)" (Euzébio, 2020, p.05).

O conceito de "Nome-do-Pai" será desenvolvido por Lacan e irá designar um pai interditor na relação incestuosa do menino com a mãe, através da castração. No *Seminário 5* (1996) estabelece uma divisão do Édipo em três tempos:

> No primeiro, o bebê acredita que pode satisfazer os desejos da mãe se colocando como o que irá completá-la. (...) (Lacan, 1998, p. 198 *apud* Silva *et al.*, 2021). No segundo tempo do Édipo, entra na operação o Outro com a roupagem de Lei, o Nome-do-Pai, assim a criança deixa de se identificar com o falo e é inserida nessa Lei. Já no terceiro tempo, o da dissolução do complexo de Édipo, para o menino, o pai irá mostrar (...) que ele é possuidor do falo (ter o falo e não ser o falo), localizando-o como objeto desejado pela mãe, nesse momento acontece a identificação com o pai por ser também possuidor do falo. Com a menina, a metáfora paterna não tem tanto efeito (...) pois já é marcada pela falta/ausência (Silva *et al.*, 2021).

A tábua da sexuação e modalidades do Gozo

No *Seminário 20: Mais, Ainda*, Lacan (1972-73/2008) foram elaboradas as fórmulas quânticas de sexuação que subvertem a partir de uma ruptura com o determinismo biológico. Conforme Lacan (1972-73/2008), feminino e masculino é tão somente a forma como os sujeitos se posicionam diante da sexualidade e são campos específicos de gozo.

Segundo a tábua da sexuação, o conjunto dos homens funda-se a partir do estabelecimento de que existe, pelo menos, um homem não submetido à lei do fálica, dado diante do qual forma-se o grupo a partir do comum acordo da não transgressão disso que se põe como interdito, ou seja, o universal masculino forma-se a partir da castração, passo que constitui o falo como direção do desejo masculino e o lança ao campo da fantasia (Lacan, 1972-73/2008).

Desse modo, é um equívoco conceber a mulher como aquela que atingira o que o homem falha em alcançar, visto que seu gozo é algo suplementar, para além do falo (Lacan, 1972-73/2008). Por isso, a mulher não deixa de estar submetida à castração, a lei fálica, mas de modo não-toda, o que faz com que todos os homens estejam submetidos à ordem fálica e à castração, enquanto a mulher não (Mendonça, 2021).

Assim, são nesses termos que a mulher não existe, uma vez que seu gozo não habita completamente a linguagem. Todavia, é imprescindível pontuar que nem toda mulher apresenta-se como "não-toda", assim como homens podem experimentar o gozo suplementar

feminino. Há sempre a possibilidade de haver um trânsito para o lado feminino ou masculino, sendo a histericização um exemplo desse processo (Durzi; Couto, 2021).

Não há função fálica para toda mulher, embora elas possam habitar essa dimensão. Sendo assim, o feminino está para além dessa lógica, o que permite que "a mulher transite de um campo para o outro [...] as mulheres são não-todas, pois devido a essa transitoriedade entre os campos (ao falo e ao furo), fica impossível uma universalização da mulher" (Silva *et al.*, 2021). Logo, o feminino não é passível de um contorno final ou de uma definição universal, pois há uma ausência de significantes para responder o que é ser uma mulher, há um furo.

Por fim, Lacan (1972-73/2008) destaca que existe o gozo fálico e o gozo Outro que, por sua vez, aponta para um além do significante fálico. Tendo em vista que o feminino está duplamente implicado, é um gozo não-todo fálico que inscreve-se no registro fálico e o ultrapassa (Côrrea, 2021). É mulher aquele que está não-todo submetido à função fálica. É a consequência da anatomia não ser capaz de assegurar ao sujeito uma posição sexual (Bonfim, 2014).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Freud (1930-36/2010) inicia a Psicanálise a partir da interrogação sobre o desejo da histérica e termina se questionando sobre o que seria a feminilidade, visto que o "continente negro" da Psicanálise permaneceria inalcançável. Ao final de seu texto *A feminilidade*, o autor assinala:

> Isso é tudo o que tinha a lhes dizer sobre a feminilidade. Certamente é incompleto e fragmentário, e nem sempre parece amigável (...) Se quiserem saber mais sobre a feminilidade, interroguem suas próprias vivências, ou dirijam-se aos escritores, ou esperem até que a ciência possa lhes dar informação mais profunda e coerente (Freud, 1930-36, 2010, p. 293).

Nas palavras de Lacan (1972-73/2008): A mulher não existe. Não há "A mulher" com artigo definido para designar o universal. Ou seja, não existe uma mulher inteiramente no campo do feminino. Contudo, a mulher existe no particular, "uma a uma", em sua própria subjetividade, que é não-toda fálica. Como afirma Colette Soler (2005, p. 18): "se A Mulher, escrita com maiúscula, é impossível de identificar como tal, uma vez que 'não existe', isso não impede que a condição feminina exista"

Para concluir, o feminino é um tema inesgotável e não-conclusivo, cuja compreensão permanece desafiadora, justamente por ser um enigma. Ao final deste estudo, é crucial reconhecer que o feminino aponta para a necessidade contínua de pesquisa, a fim de ampliar o entendimento, ou o não-entendimento, sobre a complexidade da feminilidade na psicanálise e para além dela.

REFERÊNCIAS

BONFIM, F. **Todo fálico e não-todo: construções lacanianas sobre a sexuação.** Estud. pesqui. psicol., Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, p. 201-213, abr. 2014. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812014000100012&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 21 fev. 2024

BRAUNSTEIN, N. **Gozo (1a ed.).** São Paulo: Escuta, 2007.

CORRÊA, H. C. DA S. **Considerações sobre Feminino e Transferência: Do Caso Dora ao Não-Todo Fálico.** Revista Subjetividades, v. 21, n. 2, p. 1–10, 2021. Acesso em 21 fev. 2024. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2359-07692021000200003

DACORSO, S. T. M.; SANTOS, I. S. **O legado de Freud e de Lacan: as vicissitudes do complexo de Édipo.** Juiz de Fora, v. 2, n. 3, p. 128-148, jan./jun. 2020.

DURZI, C. C.; COUTO, L. F. S. **Da mediação fálica ao irrepresentável do sexo feminino.** Rev. Subj., Fortaleza, v. 21, n. 1, p. 1-11, abr. 2021. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2359-07692021000100004&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 21 fev. 2024. http://dx.doi.org/10.5020/23590777.rs.v21i1.e10157.

FREUD, S. **A feminilidade. In: FREUD, Sigmund. Mal estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936).** São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, S. (1925/2011) **Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos, in: O Eu e o Isso, "Autobiografia" e outros textos** (Souza, P. C. de, Trad., 1a. ed., Vol. 16). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1923-1925).

FREUD, S. [1931]. **Sexualidade Feminina**. In: FREUD, Sigmund. Obras Psicológicas Completas. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 113-134, v. XXII.

FREUD, S. (1974). **Extratos dos documentos dirigidos a Fliess. (J. Salomão, Trad.).** Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas (Vol. III, pp. 251-385). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1950).

GAY, P. **Freud: Uma Vida Para Nosso Tempo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

KUSS, A. S. S. **Feminilidade, amor e devastação: alguns pontos de encontro entre Freud e Lacan.** Psicologia Argumento, [S. l.], v. 34, n. 86, 2017. DOI: 10.7213/psicol.argum.34.086.AO05.

LACAN, J. (2008 [1972-73]) **O Seminário, livro 20: mais, ainda.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

MENDONÇA, R. L. **A Tábua da Sexuação - Parte 02.** Youtube, 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=K6nfJTdm3

SILVA, A. F. F.; DIAS, C. Q. D.; SILVEIRA, B. B.; SAMICO, C. S. **Feminino: uma construção a partir do não ser. Mosaico** - Revista Multidisciplinar de Humanidades, Vassouras, v. 12, n. 2, p. 78-84, mai/ago. 2021.

SILVA, D. Q. da; FOLBERG, M. N. **De Freud a Lacan: as ideias sobre a feminilidade e a sexualidade feminina**. Estud. psicanal., Belo Horizonte, n. 31, p. 50-59, out. 2008.

SOLER, C. **O que Lacan Dizia das Mulheres**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.